

**REFLEXOS DO COLONIALISMO NOS ROMANCES *A ÁRVORE DAS PALAVRAS* E *DESMUNDO***

**REFLECTIONS OF COLONIALISM IN THE NOVELS *A ÁRVORE DAS PALAVRAS* AND *DESMUNDO***

**Dinameire Oliveira Carneiro Rios<sup>1</sup>**

ORCID: [https:// orcid.org/0000-0002-6226-6002](https://orcid.org/0000-0002-6226-6002)

Enviado em: 03/11/2024

Aceito em: 14/01/2025

Publicado em: 08/02/2025

---

**Resumo:** Este trabalho analisa o impacto da experiência do colonialismo em personagens femininas dos romances *A árvore das palavras* (1997), da escritora portuguesa Teolinda Gersão, e *Desmundo* (1996), da brasileira Ana Miranda. Estas duas narrativas são entrecortadas por características em comum, como o protagonismo de narradoras femininas, a ambientação histórica em antigas colônias portuguesas, Moçambique e Brasil, respectivamente, e uma revisitação da história a partir de um paradigma pós-moderno de incredulidade, questionamento e reatualização do passado. Em *A árvore das palavras*, Teolinda Gersão conta a história da protagonista Gita e sua vivência na cidade de Maputo ao lado dos pais, Laureano e Amélia, nos anos que antecedem a eclosão da Guerra colonial em prol da libertação de Moçambique do jugo português. Já em *Desmundo*, ambientado no Brasil colonial do século XVI, Miranda reconta ficcionalmente, através do olhar sensível da órfã Oribela, como se deu a chegada da primeira leva de órfãs enviadas pela Coroa Portuguesa para estabelecerem matrimônio com homens brancos que viviam no território, como é o caso de Francisco de Albuquerque, com a protagonista é obrigada a se casar. Nas duas obras, fica evidente, pelo *modus operandi* do poder colonial, as diversas formas de dominação e subjugação a que as personagens femininas são vítimas, considerando, entre outros aspectos, a força do patriarcalismo neste contexto específico.

**Palavras-chave:** Romance. Colonialismo. Mulher

**Abstract:** This work analyzes the impact of the experience of colonialism on female characters in the novels *A árvore das palavras* (1997), by the Portuguese writer Teolinda Gersão, and *Desmundo* (1996), by the Brazilian writer Ana Miranda. These two narratives are interspersed by common characteristics, such as the protagonism of female narrators, the historical setting in former Portuguese colonies, Mozambique and Brazil, respectively, and a revisitation of history from a postmodern paradigm of disbelief, questioning and updating. from past. In *A*

---

<sup>1</sup> Professora de Literatura da Universidade Federal do Tocantins. Doutorado em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: dina\_meire@hotmail.com

*árvore das palavras*, Teolinda Gersão tells the story of the protagonist Gita and her experience in the city of Maputo alongside her parents, Laureano and Amélia, in the years before the outbreak of the Colonial War in favor of the liberation of Mozambique from the Portuguese yoke. In *Desmundo*, set in colonial Brazil in the 16th century, Miranda fictionally recounts, through the sensitive gaze of the orphan Oribela, how the arrival and experience of the first wave of orphans sent by the Portuguese Crown to establish marriage with white men who lived in the territory, as is the case of Francisco de Albuquerque, with whom the protagonist is forced to marry. In both works, it is evident, by the *modus operandi* of the colonial power, the different forms of domination and subjugation to which the female characters are victims, considering, among other aspects, the strength of patriarchy in this specific context.

**Keywords:** Novel. Colonialism. Woman

## O Colonialismo e a Condição Feminina

A vivência do colonialismo entrecorta os dois romances aqui analisados, e, ainda que separados espaço e temporalmente em instâncias significativas, sobressai em cada um deles a representação da experiência feminina dentro desse contexto colonial em posições hierárquicas que ora se aproximam ora se distanciam. É preciso pensar a condição colonial não apenas como uma peculiaridade, mas como um elemento que duplica a situação de dominação e subalternidade da mulher, conforme assegura Spivak (2010). No processo de dominação que caracterizou o colonialismo, a supremacia de um modelo baseado na hegemonia do homem europeu, branco e cristão sobre o que representava oposto, o Outro, culminou na espoliação de povos e suas culturas em prol da imposição da cultura europeia às nações submetidas nesse processo.

Em seu texto antológico e contundente sobre o colonialismo, *Discurso sobre o colonialismo*, Aimé Césaire afirma, sarcasticamente, numa crítica à postura europeia de muitas vezes dissimular o que foi a colonização e seus efeitos para os países colonizados, que ela não se tratou de uma “evangelização, nem empresa filantrópica, nem vontade de recuar as fronteiras da ignorância, da doença, da tirania, nem propagação de Deus, nem extensão do Direito;” (1978, p.14), mas de um gesto

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

do aventureiro e do pirata, do comerciante e do armador, do pesquisador de ouro e mercador, do apetite e da força, tendo por detrás a sombra projetada, maléfica, de uma forma de civilização que a dado momento da sua história se vê obrigada, internamente, a alargar à escala mundial a concorrência das suas economias antagônicas. (Césaire, 1978, p.14-15)

Neste jogo de poder em prol da manutenção dos centros hegemônicos, foi necessário subjugar, dominar, aculturar e silenciar o povo colonizado, instituindo uma forma de pensar pautada na inferiorização a partir de uma estrutura binária que punha os europeus como referência para o mundo colonizado. Fadado ao silenciamento no âmbito da realidade colonial, quando a sua representação era forjada a partir do olhar menosprezado do europeu, o sujeito colonizado precisou resistir e desvencilhar-se dos grilhões da dominação colonial, “através de um crescente nacionalismo nativo e lutas anticoloniais” (Cruz, 2016, p.28), para poder reclamar o seu lugar de fala e de sua própria representação.

Ainda que o conceito de pós-colonial esteja envolvido em controvérsias históricas e epistemológicas (Bhabha, 1998; Cruz, 2016), ele designa a realidade dos países que sofreram com o processo de colonização após a retirada do poder colonial das mãos das Coroas europeias, fruto de pressões externas, mas, principalmente, de lutas armadas internas, conforme evidencia o romance *A árvore das palavras* sobre a realidade colonial moçambicana. Além disso, engloba também a situação das metrópoles após a colonização, quando suas colônias já não são parte do seu domínio, por isso Bhabha (1998, p.107) afirma que o conceito de pós-colonial contribui na “identificação do que são as novas relações e disposições do poder que emergem nesta nova conjuntura”.

O contexto pós-colonial possibilita que os silenciados pelo colonialismo passem a ter autoridade para enunciar a sua história, inscrevendo novas versões da história em que a perspectiva dos dominados passem a confrontar ou questionar os discursos hegemônicos do colonizador, a historiografia produzida a partir daí e suas omissões. (Cruz, 2016). Ou, como afirma Bhabha (1998, p.109), o pós-colonial “relê a

‘colonização’ como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou ‘global’ das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação”.

Interessa saber, neste longo processo de rompimento com o colonialismo até que se chegasse ao cenário caracterizado como pós-colonial, de que forma a mulher esteve presente dentro das relações de poder que sempre envolveram o colonialismo e, mais que isso, como os inúmeros elementos de ordem política, social, cultural e econômica que estão aí imbricados produziram uma espécie de silenciamento do gênero feminino, tanto no sentido de não poder falar quanto em relação a não ser ouvida.

Os estudos da crítica indiana Gayatri Spivak (2010) apontam pistas importantes sobre o agenciamento no âmbito colonialista da mulher subalterna. A crítica inicial que Spivak (2010) faz em seu texto se direciona ao fato de os intelectuais, entre eles Foucault e Deleuze, assumirem muitas vezes a condição de porta-vozes do subalterno, quando na verdade “É impossível para os intelectuais franceses contemporâneos imaginar o tipo de Poder e Desejo que habita o sujeito inominado da Europa” (Spivak, 2010, p. 45-46). O que isso provoca é a perpetuação de uma dinâmica perversa de representações de poder, em que o europeu mantém na posição de Sujeito enquanto o sujeito colonial não-ocidental se perpetua como o Outro.

Ao analisar a situação da mulher subalterna a partir de uma autocrítica de seu lugar de fala, a autora discorre sobre a violência epistêmica sofrida por ela, agravada pelo fato de à condição de colonizada agregar-se a ideologia de gênero, que a inferioriza enquanto sujeito do sexo feminino, por isso é “duplamente obliterado” (Spivak, 2010, p. 66). Frente à diferenciação sexual dos sujeitos, Spivak (2010, p.66-67) afirma que

A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas de divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem

história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.

Os essencialismos em torno dos gêneros e as estratégias de poder e dominação do discurso patriarcal são responsáveis por parte desta profunda obscuridade a que Spivak (2010) se refere. Porém, diante do caráter irremediavelmente heterogêneo do sujeito subalterno colonizado, assim como da mulher, nota-se, especificamente, que o colonialismo e a perspectiva de gênero são estratégias para pensar a situação e obliteração da mulher subalterna colonizada, mas que não se esgotam aí.

Embora Spivak (2010), como uma intelectual diaspórica, esteja pensando a posição da mulher subalterna a partir da vertente pós-colonial mais específica, pois localiza esse sujeito feminino como parte do povo colonizado, “de cor” e pobre, os romances aqui analisados possuem posições muito particulares quando localizados no âmbito da discussão pós-colonial. Isso porque, ainda que *A árvore das palavras* e *Desmundo*, a partir do que acionam as suas narrativas, apresentem muitos traços das narrativas denominadas pós-coloniais, é preciso considerar os respectivos contextos de produção e os lugares de fala específicos das duas autoras, visto Teolinda Gersão ser portuguesa e Ana Miranda, enquanto brasileira, pertencer a um lugar dúbio no que diz respeito às discussões dos limites do que seria pós-colonial.

É preciso relembrar ainda as especificidades que envolveram Portugal como país colonizador e, conseqüentemente, a realidade das colônias enquanto submetidas ao poder luso. Vale lembrar que Boaventura de Souza Santos (2001) afirma que a posição semiperiférica de Portugal no cenário mundial capitalista resultou numa forma de colonização também subalterna, por isso

o pós-colonialismo no espaço português terá menos de pós que de anticolonialismo. Não se trata de uma luta contra um passado presente, mas sim contra um presente passado. Trata-se, por outro lado, de um pós-colonialismo desterritorializado porque dirigido contra uma engenharia de injustiça social, de dominação e de opressão que dispensa os binarismos modernos em que assentou até agora o pós-colonialismo, tais como o binarismo local *versus* global, interno *versus* externo, nacional *versus* transnacional. De facto, o novo pós-colonialismo

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

só faz sentido enquanto luta por uma globalização contra-hegemônica, a busca de novas alianças locais/globais entre grupos sociais oprimidos. (Santos, 2001, p. 78)

A dificuldade de Portugal de se pensar como centro, o que foi acentuado já desde o século XIX pela independência do Brasil, e a necessidade, diante de sua subalternidade como metrópole, de apelar, como meios de sobrevivência de seu poder em terras coloniais, para a miscigenação, a ambivalência e a hibridéz entre colono e colonizado, atrelado a sua localização geopolítica semiperiférica no espaço europeu, fazem que seu pós-colonialismo seja marcado por uma identidade abalada e fissurada, o que repercute também na elaboração do sentido do pós-colonial para as nações que estiveram sob o domínio português.

### **A Mulher Colonial em *A Árvore das Palavras e Desmundo***

A história da colonização vista de baixo em *A árvore das palavras* é um rápido e embaçado retrato da vida colonial dos moçambicanos, mas, antes de tudo, um registro dos portugueses esquecidos pelas narrativas hegemônicas do próprio colonizador e pela grande máquina colonial, já que ocupavam uma posição apenas um pouco acima da base que sustentava o sistema. Desta forma, o romance não se pretende ser uma perpetuação antiquada e equivocada da representação do sujeito subalterno moçambicano por meio da visão eurocêntrica, ainda que essa realidade apareça em paralelo, em alguma medida. Ele é o resultado do contexto pós-colonial experimentado pela metrópole, quando as relações entre Portugal e as antigas colônias começam a ser repensadas com a finalidade de recuperar a memória coletiva do país e, conseqüentemente, tentar compreender a própria identidade portuguesa frente a sua condição semiperiférica na Europa (Santos, 2001) e diante do silêncio que marcou os anos seguintes à independência das colônias da África.

Diante da ambigüidade da periodização do que seria o pós-colonial, do caráter confusamente universalizante desse conceito e das inúmeras especificidades da

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

colonização ao redor do mundo, é preciso pensar que o termo pós-colonial designa distintos processos de descolonização ao redor do mundo. No caso do Brasil, ainda que se possa falar de uma realidade pós-colonial, ela se configura muito diversa do contexto dos países africanos que foram colonizados, por exemplo. Assim, mesmo que não haja uma sistematização teórica à *brasileira* sobre o que nortearia as nossas demandas e problemáticas pós-coloniais, embora alguns movimentos tenham apontado saídas para isso, é de suma importância pensar que o contexto de produção *Desmundo* situa o romance dentro de um paradigma pós-colonial. O romance de Ana Miranda busca desestabilizar muito do que foi posto na matriz do pensamento europeu sobre a história do país, dando voz a sujeitos cuja alteridade foi negada ou silenciada pela história, apontando para um feminismo descolonial que, à beira das Comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses por aqui, nega importantes aspectos do discurso colonial, como o mito da miscigenação pacífica, uma identidade nacional homogênea, e denuncia a violência de gênero e o preconceito racial através da própria sátira de uma voz feminina portuguesa.

Em *A árvore das palavras* e *Desmundo*, as personagens femininas surgem como parte da engrenagem colonial através de diferentes instâncias sociais e políticas e, quase todas elas, em graus distintos, representam uma peça necessária e manipulada pelo sistema colonial. No romance de Teolinda Gersão, as personagens Gita, Amélia e Lóia ocupam posições distintas na sociedade colonial, mas todas são vítimas, em níveis diferentes de acometimento, do Colonialismo. Amélia, como muitas mulheres brancas portuguesas no decorrer dos séculos em que Portugal se lançava na empreitada colonial, se vê obrigada pela crueza do destino e impelida pelas ações de cunho colonial a apartar-se da terra natal em busca de um núcleo familiar que nunca tivera e de uma possível segurança pessoal. Na máquina colonial, ela representa a garantia de permanência do homem português na frente colonial e a perpetuação de uma hegemonia da metrópole no território da colônia, pois a presença de mulheres brancas aumentava as chances de integração do português ao projeto colonial. Porém, no

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.



romance de Teolinda Gersão essa lógica é subvertida, pois por formar uma família pobre e também fazer parte da lógica de exploração, Amélia se rebela contra sua condição e origem colonial, e Laureano, pai de Gita e marido de Amélia, sensibiliza-se com a exploração a que os nativos eram submetidos, se unindo à luta deles. Como lembra Santos (2001), a situação de Portugal enquanto metrópole semiperiférica fazia com que o colono português fosse um emigrante nos próprios territórios coloniais lusos, fruto da subalternidade portuguesa no império colonial, o que é possível constatar na elaboração identitária tanto de Amélia quanto de Laureano. Ele, por exemplo, “enfraquece” o poder colonial, ao fim da narrativa, por unir-se e ter um filho com a negra Rosário, após Amélia abandonar a família e trocar Moçambique pela Austrália.

Gita, a protagonista de *A árvore das palavras*, é fruto desta complexa e específica realidade colonial. Sendo a primeira parte do livro dedicada às memórias da infância de Gita, somente na terceira parte da narrativa, mais madura e consciente do contexto político em que vivia, ela será capaz de reconhecer de que maneira elementos como gênero e classe interferiam vertical e horizontalmente na sociedade e poderiam produzir consequências, inclusive na vida dela. Exemplo disso é quando, após uma brincadeira em que simula para o namorado Rodrigo, branco e rico, que estaria grávida, Gita é agredida e abandonada por ele. Isso porque, ainda que fosse filha de portugueses, sua condição financeira a alijava da elite colonial, sendo assim, a sua possível gravidez precoce e certamente premeditada soaria como um subterfúgio feminino para calcar degraus na sociedade colonial, conforme a interpretação do rapaz e de sua família. Por isso, sua formação identitária é vacilante e problemática, pois mesmo que usufrísse nas terras moçambicanas de certo prestígio e diferenciação em relação ao povo nativo, oprimido e explorado, a protagonista sentia-se parte orgânica do lugar, da sua cultura e de sua gente, embora para muitos não o fosse, como sugere uma colega de classe, Fanisse, que ofende Gita por ser uma menina não-africana.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.



Contudo, em Portugal, para onde resolve partir no final da narrativa, Gita também sabe que será o Outro, “A prima de África” que “terá naturalmente de ajudar no serviço da casa” (Gersão, 2004, p.185), caso deseje ocupar um quarto na casa do tio Narciso, repetindo parte da história de desajustamento e desterritorialização que já havia marcado a vida da mãe. Mas, diferente de Amélia, ela vai consciente que se dirige à metrópole para reclamar e garantir uma independência que Moçambique já batalhava para conquistar e se “O Velho estava sentado no seu trono – mas não era verdade que podíamos derrubá-lo?” e afirma por fim “Quem viver, verá. E eu vou viver. E ver explodir, ou implodir, o país-casa-das-primas” (Gersão, 2004, p.186), confirmando seu hibridismo identitário.

Lóia, a antiga ama de leite de Gita e empregada da casa na decorrer da vida da menina, é representada, na primeira parte do romance, através do olhar idílico e apaixonado da narradora-protagonista, que a todo tempo se coloca enquanto contrária às posições de hierarquização entre negros e brancos posta na sociedade moçambicana. Lóia, enquanto nativa e moradora do Caniço, está entre as principais vítimas do processo de exploração das riquezas do próprio país natal através da colonização. Vivia em situação de muita pobreza, residia em um espaço marginalizado, trabalhava para a família de Gita desde que a menina era apenas um bebê, e, se por um lado era acolhida e tratada com respeito, por outro, como se constata na postura de Amélia, sofria as retaliações e o preconceito que comumente recaia sobre os nativos, sendo vítima de uma repetição acrítica e alienada do discurso dos colonos ricos. A reverberação desse discurso preconceituoso e estereotipado de Amélia se manifestava na divisão do interior da casa da família como uma metonímia da sociedade colonial, entre a Casa Branca e a Casa Preta, conforme concluía Gita ainda em suas memórias da infância. Porém, num caminho oposto ao da mãe, ela e Laureano subvertiam os valores atribuídos por Amélia à cultura do europeu e à do colonizado. Por isso o retrato de Lóia, como parte da convivência da protagonista com a cultura africana, é imbuído de uma leveza, de uma sabedoria genuína, de admiração e respeito pelas diferenças e

tradições, o que faz com que Gita desde muito cedo possua uma forte identificação com o espaço em que vive.

Este posicionamento de respeito e proximidade dos protagonistas com a cultura e o povo das antigas colônias portuguesas na África em narrativas produzidas em território luso após o 25 de abril de 1974, ainda que os episódios de preconceito e estereótipos sociais se façam presentes como uma maneira de legitimar a ocupação e a exploração colonial, parece fazer parte de uma fórmula romanesca que se repete. Como aponta Azevedo (2013), além de *A árvore das palavras*, em romances como *O Senhor das Ilhas*, *O Esplendor de Portugal* e *Equador* também os personagens centrais estão muito próximos do mundo africano e muitos deles não se identificam com a noção estereotipada do colono acerca dos nativos africanos.

Já em *Desmundo*, as mulheres que compõem a narrativa pertencem às mais diversas estratificações sociais na colônia, desde o mais alto poder, como é o caso de Brites de Albuquerque, até os nativos subjugados e vítimas da colonização, como Temericô. O que entrecorta a existência de todas elas é a imposição do poder do discurso religioso e patriarcal, independente da posição que cada uma delas ocupe, evidenciando mais uma vez que a hegemonia da Igreja na colônia e o reforço das ideias machistas e mesmo misóginas prevaleciam como norteadores do modo de ser na sociedade brasileira do século XVI.

As personagens Velha, Branca e Brites de Albuquerque estão inseridas em diferentes, mas poderosas estruturas sociais da Colônia: a primeira, por ser uma freira e, logo, pertencer à Igreja, e a segunda e a terceira por serem parte da elite colonial, já que eram, respectivamente, cunhada e esposa do Governador da colônia, o representante da Coroa e conseqüentemente da ordem entre os colonos e os nativos do lugar. Porém sobre todas elas recaem as imposições acerca da condição feminina, já que ser mulher relegava-as a um lugar de subordinação aos atos, discursos e determinações dos homens.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

A trajetória destas três mulheres ao longo do romance confirma a dupla subalternidade feminina no espaço colonial, pois mesmo que não estivessem diretamente sob o jugo do colonialismo por representarem instâncias de poder, por serem mulheres eram submetidas à violência, às vontades, às imposições e aos discursos masculinos. A Velha, desde que deixara Portugal com destino à colônia na América, estava sob o domínio do que a Igreja determinava como correto para o comportamento da mulher dentro da instituição e, mesmo sabendo da ocorrência das relações de amasiamento entre padres e indígenas, por exemplo, não lhe era dada a autoridade para denunciar tal hipocrisia, visto o perigo dissimulado de demonização em torno do saber e do discurso feminino.

As irmãs Branca e Brites de Albuquerque faziam parte do poder e da elite colonial, pois estavam entre aqueles que possuíam riquezas e determinavam os rumos que a sociedade local deveria tomar. Entretanto, novamente estão subjugadas aos imperativos masculinos e/ou ideologia de base patriarcal. Brites de Albuquerque, quando recepciona as órfãs, interessa-se em saber de imediato se elas haviam recebido a correta instrução sobre ser esposa, se haviam sido ensinadas pelas mães em todos os ofícios que uma mulher precisava aprender, pois “Pobres as que não tiveram mães a lhes ensinar as artes mais altas e ficaram nas culinárias. Cortar cebolas, descascar maçãs, esfregar caçarolas” (Miranda, 2003, p. 44). Além disso, a fala proferida às órfãs reafirma as bases do patriarcalismo colonial, pois naturaliza as relações que os futuros maridos das jovens teriam com as indígenas, mesmo após o casamento, e diante da grande demanda de escravas indígenas para fazer os serviços domésticos, orienta as jovens a terem pudor e trabalharem ao lado do marido para a prosperidade da família, devendo ele ficar com o “grosso” do ganho e a mulher com o “miúdo” (Miranda, 2003, p. 44). Se pensarmos que enquanto parte da alta sociedade colonial indissolúvelmente Brites de Albuquerque teria como base do pensamento as ideias difundidas e naturalizadas sobre as mulheres da época, especialmente a subordinação ao homem, ela representa no romance aquela que é mostrada de forma menos impactada pelo

machismo, até mesmo porque é representada pelo olhar de Oribela, que se vê subordinada em relação a Brites e que talvez por isso, amenize, em seu discurso, a visão hierárquica entre Brites e o marido, por exemplo.

Diferente de Brites, Branca de Albuquerque, mesmo pertencendo à elite, tem a sua história de vida contada por Oribela e muitas vezes interceptada pelo discurso que Francisco de Albuquerque, marido de Oribela, alimentava sobre a mãe. Por isso, em meio às palavras de ofensas e ojeriza da narradora em relação à sogra, sobressai também a imagem de dependência que Branca de Albuquerque tinha do filho, que a descrevia como um entrave e um percalço do qual não podia se livrar devido às imposições da relação maternal e as dificuldades que ela passaria por ser uma mulher sozinha no mundo, após ter perdido o marido. Ao fim do livro, ironicamente, torna-se vítima da própria violência do filho, que a assassina de modo cruel.

Em situação semelhante à de Branca de Albuquerque estaria Oribela e as demais órfãs, pois como mulheres brancas portuguesas encaminhadas para o casamento com os “principais” da Colônia, ou seja, homens que tinham dinheiro e algum prestígio, fariam parte da alta sociedade colonial, já que estariam entre aqueles que exploravam os bens da terra e a mão de obra dos nativos em larga escala, e por isso usufruíam ostensivamente dos lucros do colonialismo. Porém, a saída de Portugal forçada pela orfandade e devido às decisões da rainha, além da imposição do casamento com homens que não conheciam e com os quais não tinham qualquer envolvimento afetivo, fazia a realidade das jovens ser ainda mais dramática. Ainda assim, isso não impedia que algumas delas trouxessem alguma esperança de encontrar na nova vida um recomeço feliz ao lado de “gentis homens”, conforme Oribela deixa entrever assim que avista a terra:

Espantada que a alegria pudesse entrar tão profundamente em meu coração, em joelhos rezei. Deus, graça, fazes a mim, tua pequena Oribela, a mais vossa mercê em idade inocente, um coração novo e um espírito de sabedoria, já estou tão cegada pela porta dos meus olhos que nada vejo senão deleitos, folganças do corpo,

louvores, graças prazentes e meu coração endurecido, entrevado sem saber amar ou odiar. (Miranda, 2003, p.11)

Os ares de idealização da vida que poderiam levar na terra distante começam a se desfazer ainda ao aportarem, quando os homens que esperam pela tripulação da nau *Senhora Inês* lançam olhares cobiçosos sobre elas, destituindo-as de sua humanidade para transformá-las em verdadeiras mercadorias: “fôramos cargas de azêmola, boceta de marmelada, alguidar de mel sendo eles pontas de arnelas, canas agudas, flechas de arcos, espadas de pau tostado, lanças de arremeso, ferrões, açoites” [...] (Miranda, 2003, p.25). Tal percepção revela, também, a função a que se destinavam e denuncia a contundência fálica da ação agressiva e impositiva do homem sobre a mulher.

Na preparação para o casamento, frente a tantas imposições e proibições à esposa, e após a cerimônia, quando imediatamente “Os homens se serviram de suas esposas” (Miranda, 2003, p.76), provavelmente com os mesmos objetivos que Francisco de Albuquerque estuprou Oribela, ou seja, certificarem de que se tratavam de mulheres virgens e mostrarem domínio sobre elas, destituiu-se qualquer esperança de vida feliz. As órfãs passam então a viver como desterradas e enclausuradas na condição de esposas e futuras mães.

Há ainda as mulheres que sustentavam a base da pirâmide social na Colônia, vítimas da escravização e recorrentemente abusadas e estupradas pelos aventureiros e até mesmo os religiosos que viviam no Novo Mundo. Embora houvesse presença de escravos africanos no território, conforme afirma a narradora, as indígenas (ou “naturais”, como os colonos se referiam aos índios) são a maioria a executar o trabalho doméstico como escrava, até nas casas de famílias pobres, e por isso não era diferente na fazenda de Francisco de Albuquerque. Porém, além da exploração do trabalho, quando eram aprisionados, domesticados e transformados em escravos, havia ainda a violência sexual da qual as índias eram vítimas. Ao longo do romance, Oribela fala da naturalidade com que o marido “se servi[a] das naturais” (Miranda, 2003, p.191), inclusive quando queria causar nela algum tipo de ciúme: “sem Francisco de

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)  
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

Albuquerque me visitar de dia nem de noite, que se deitava com as naturais e as fornicava à minha vista, como para humilhar, mas a um modo de cachorros, de joelhos” (Miranda, 2003, p.113).

Ao analisar da presença mestiçagem em territórios colonizados por Portugal, Castelo (2007, p.275) afirma que mesmo que não se restringisse apenas às colônias lusas, a mestiçagem nunca pode “ser vista como um indício de convivência pacífica, fraterna e igualitária entre pessoas de ‘raças’ diferentes.”, mas acima de tudo como “uma relação de cultura dominante sobre culturas dominadas”, ato que Salazar tentava mascarar na presença portuguesa em terras africanas em plena segunda metade do século XX através do lusotropicalismo de Gilberto Freyre.

Em meio à demonização e ao estranhamento das práticas e do modo de vida dos indígenas que pairavam no discurso de cunho eurocêntrico, alimentado pelos padres e por Branca de Albuquerque em determinados momentos da narrativa, é importante notar a desmitificação disso através de algumas conclusões da protagonista após o contato com a indígena Temericô. O encontro entre as duas prova ser o estereótipo fruto do desconhecimento ou, no caso da colonização, também um artifício discursivo para construir a alteridade e, portanto, minar meios de subsidiar a exploração.

### **Considerações Finais**

Os romances de Teolinda Gersão e Ana Miranda, voltados para contextos históricos muito específicos, se aproximam por dotarem personagens femininas para falar de si, da história colonial do Brasil, de Moçambique e de Portugal que se construía ao seu redor e da qual fizeram parte, e por acionarem outras possibilidades representativas para o sexo feminino, desconstruindo a espécie de fixidez identitária a qual a mulher foi sendo relegada ao longo da história. Nota-se, nos dois romances, como as histórias de vida das personagens e a subordinação e dominação das quais eram vítimas estavam estritamente ligadas a valores e a comportamentos

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

determinados desde muito cedo para o sexo feminino. Dessa forma, a educação castradora na infância se somava e era reafirmada pela determinação de comportamentos desejáveis na fase adulta, como a abnegação sexual, o matrimônio, a maternidade, a continuidade da obediência ao marido ou à figura masculina mais próxima.

O duplo peso da condição colonial recai com mais força nas figuras femininas que pertencem à população nativa, uma vez que a ligação com a metrópole e o fenótipo são elementos que garantem a personagens como Gita, Oribela e Amélia um pequeno salto no degrau hierárquico das colônias. Distante disso estão Lóia e Temericô, sobre quem incide mais veementemente as agruras de ser mulher num contexto já tão hostil quanto o colonial para aqueles que pertencem à terra explorada. No entanto, coincide nos dois romances um cuidado na representação dessas personagens a partir do foco narrativo em primeira pessoa, o que lhes garante, mesmo que pelo olhar do outro, uma visão de admiração pela sabedoria, um respeito às diferenças e o reconhecimento pelo aprendizado adquirido através da troca cultural não-hierarquizada.

## **Referências**

AZEVEDO, Viviane Clara Carvalho Freitas de. *Literatura Pós-colonial Portuguesa como Lugar de Memória da Colonização Portuguesa em África. Tese*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2013.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta, 1978.

CRUZ, Décio Torres. *Literatura (pós-colonial) caribenha de língua inglesa*. Salvador: EDUFBA, 2016.

CASTELO, Cláudia. *Passagens para África. O Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole*. Porto: Afrontamento, 2007.

GERSÃO, Teolinda. *A árvore das palavras*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.



MIRANDA, Ana. *Desmundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Póscolonialismo e Identidade”. In: RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Sousa (Orgs.) *Entre Ser e Estar: Raízes, Percursos e Discursos da Identidade*, Porto, Edições Afrontamento, 2001.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.